

EXPERIÊNCIAS IMAGÉTICAS E (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE

João Paulo dos Santos Silva ¹
Alessandra Alexandre Freixo ²

RESUMO

Esta pesquisa cartográfica emerge das inquietações e dos atravessamentos oportunizados a partir das investigações e desdobramentos do meu trabalho monográfico. Embarcaram comigo nesta nova aventura onze licenciados em Ciências Biológicas, que outrora participaram do componente curricular Imagens da Natureza no Ensino de Ciências entre 2010 e 2012. Para tanto, também recorremos aos vídeo-mosaicos de imagens de natureza, produzidos no componente curricular, como potências para pensarmos cartografias docentes. O mosaico, assumido como dispositivo, nos leva a outro olhar, provocando tensões em nossas trajetórias. O que começou como algo desprezível com as primeiras produções dos mosaicos de imagens da natureza em 2010 persiste em se renovar. O novo vídeo-mosaico de experiências imagéticas de natureza traz consigo uma trajetória que não se restringe a universidade, muito menos ao componente curricular 'Imagens de Natureza'. Uma caminhada coletiva que, por onde tem passado, tem deixando esporos e criando rizomas que estão espalhados pelo mundo. Enfim, a potência deste processo cartográfico nos levou a cultivar sentidos outros sobre nosso processo de (trans)formação, visitando territórios não tão distantes e que se fazem presentes em nosso devir docente, estabelecendo relações não apenas entre o estudante de outrora, mas com o professor de hoje.

Palavras-chave: Cartografia docente, Experiência imagética, Professoralidades.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa cartográfica emerge das inquietações e dos atravessamentos oportunizados a partir das investigações e desdobramentos do trabalho monográfico desenvolvido por mim em 2013, intitulado "Perceber ou não perceber, eis a questão: o papel das Imagens da Natureza na construção do conhecimento em Biologia" (SILVA, 2013) e das pesquisas desenvolvidas na dissertação "Cartografia Docente: alinhavos entre imagens, experiências e naturezas na formação de professores de Ciências e Biologia". Esta cartografia também é reflexo das minhas trajetórias formativas, seja como licenciando em Ciências Biológicas, ou em tantos outros movimentos na – e fora da – universidade.

Neste recorte, ao qual *estamos embarcando*, me deterei a um grupo de cartógrafos, a saber: professores de Ciências e Biologia que participaram, outrora como estudantes, do componente curricular Imagens da Natureza durante os semestres letivos 2010.1, 2010.2, 2011.1, 2011.2, 2012.1. Destarte, tomarei como aposta epistemológica, política e estética a professoralidade, permeando pistas para esta cartografia, por entender que *estar sendo* professor

¹ Mestre em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), professor da rede de educação básica, Feira de Santana, Bahia, Brasil, jps.bio@gmail.com;

² Professora Titular do Departamento de Educação, UEFS, aafreixo@hotmail.com.

relaciona-se diretamente com a imprevisibilidade da vida e a produção de diferença. Neste sentido, a professoralidade como processo(s) de subjetivação nos possibilita uma (trans)formação para além da academia, que se faz durante toda a nossa vida, atravessando nossa singularidade e nossa(s) marca(s) no mundo ao longo do tempo.

Tomando a complexidade da temática, e as tecituras que dela podem ser potencializadas, atento em construir teias cartográficas banhadas sob as perspectivas das imagens, naturezas, experiências e práticas docentes que tem contribuído para a valorização da vida, dos (des)encontros e curvas de trajetórias. Trilhamos alguns caminhos que nos *têm levado* a construção de estéticas de professoralidades, enveredadas mesmo antes de adentrarmos na academia, atrelando-as às experiências desse período na universidade, tomando como atravessamento o componente curricular Imagens da Natureza no Ensino de Ciências³. Experiências pensadas para além do “raciocinar”, “calcular” ou “argumentar”, como uma atividade que dá sentido a esse profissional, e ao que se passa em volta dele, como nos diz Larrosa (2002).

METODOLOGIA

Dentre tantas maneiras de pesquisar na área da educação, por que adentrei no mundo da cartografia? Muitos outros métodos de pesquisa perpassaram a minha trajetória acadêmica: desde a pesquisa qualitativa; pesquisa em memória social; e a pesquisa-ação participante. Todos estes métodos foram cruciais para determinados momentos da minha trajetória (trans)formativa⁴ (FERNANDES; RAMOS NETO, 2016), e talvez um dia eu revisite estes territórios. Esse investimento na cartografia tem permitido um repensar do meu papel como sujeito, principalmente pelo fato de uma nova postura ética rumo a minha participação no processo de pesquisa.

Para tanto, este percurso cartográfico foi desenvolvido com licenciados em Ciências Biológicas formados na Universidade Estadual de Feira de Santana, outrora estudantes do componente curricular Imagens da Natureza no Ensino de Ciências, e que compõem o *hall* de Imagens da Natureza apresentadas durante os semestres letivos 2010.1, 2010.2, 2011.1, 2011.2,

³ Integrante da dimensão prática como componente curricular obrigatório dos cursos de licenciatura, a partir da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica (BRASIL, 2002).

⁴ Coaduno do mesmo entendimento de Fernandes e Ramos Neto (2016) no que diz respeito ao viés reflexivo da palavra (trans)formação, pois ela é “pautada no crescimento, devires, experimentações, forças adquiridas pelo corpo vivido, invenções, transformações, processos” (p.213). Portanto, esta palavra potencializa os processos de mutação dos sujeitos em formação.

2012.1, nos quais foram desenvolvidos os mosaicos de imagens da natureza (SILVA; FREIXO, 2012), no período de 2010 a 2012.

Nesta trajetória, *tenho refletido* sobre (trans)formação docente com 11 professores, alguns deles atuando em sala de aula da educação básica, outros realizando pós-graduação, ou até mesmo buscando e trilhando outros itinerários profissionais. Alguns dos quais fui colega de turma, e outros que conheci ao longo da trajetória como monitor e pesquisador de “Imagens”. Apesar de inicialmente ter pensado em cartografar com 10 pessoas, o convite foi lançado a tantos outros colegas, que estenderam esses convites e afetações, em uma teia de relacionamentos, até por compreender que um dos elementos essenciais do cartografar é *afetar o outro*. Vale destacar que o convite foi lançado tomando como perspectiva duas pistas: todos tinham que ser licenciados e ter participado do componente curricular Imagens da Natureza.

Nos lançamos ao desafio de produzirmos imagens da natureza a partir das experiências que nos atravessaram desde então, como outro dispositivo para essa estética da professoralidade (PEREIRA, 2013). Para subsidiar este trabalho foram realizadas gravações de áudio e vídeo para registro documental e socialização, que estarão congregados nesse novo vídeo-mosaico, além do diário de bordo, como um atravessamento deste processo cartográfico. Vale ressaltar que todos os registros em áudio e vídeo estão sendo utilizados mediante a prévia autorização do uso desses materiais, a assinatura de um termo de livre consentimento e de autorização do uso de imagem⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na produção cartográfica rumo a estéticas de professoralidades, um dos dispositivos produzidos no nosso caminhar foi o novo vídeo-mosaico de imagens da natureza. Dispositivo que torna a alinhar produções de outros tempos, com os atravessamentos desta cartografia a qual caminhamos. A partir do agenciamento coletivo do desejo de diferentes pessoas em diferentes momentos, adentramos em um novo fluxo, tomando como perspectiva o componente curricular “Imagens da Natureza”. Os atravessamentos que emergiram nos possibilitaram pensar não somente as experiências imagéticas de natureza, mas como essas produções possibilitaram experiências de vida, inclusive como processo de (trans)formação docente.

Thaise (diário de bordo)⁶ - Essa disciplina nos desperta algo interessante sobre nós mesmos através da percepção do meio. Através dela a minha visão sobre natureza foi ampliada, despertando outras perspectivas que na verdade,

⁵ A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UEFS (CAAE: 67529417.9.0000.0053)

⁶ Os nomes dos cartógrafos foram preservados.

no fundo é uma expressão de parte do meu próprio eu e das minhas experiências, algo que notei acontecer também com os meus colegas na época da disciplina e que me foi corroborado no primeiro encontro dessa pesquisa constatando as relações de nossas imagens com o próprio rumo de nossas vidas depois de alguns anos. Essa sensibilização pode colaborar de forma muito positiva em sala de aula já que o autoconhecimento dos alunos pode ser o primeiro passo para conscientização do seu lugar nos espaços e seu papel na condição de aprendiz.

Thaise no inspira a pensar como a experiência imagética pode ser um dispositivo de singularização, ao mesmo tempo que tem um compromisso com a coletividade. Experiências imagéticas que estão imbricadas com “o próprio rumo das nossas vidas”, que atravessam o nosso *estar sendo* docente, e transbordam como práticas pedagógicas, inclusive, como uma maneira de nos reconhecermos como seres aprendentes. Thaise me inspira a relembrar como a “disciplina” também me atravessou, não especificamente por suas escolhas epistemológicas, mas pela possibilidade de, naquele momento, poder produzir algo, compartilhar com colegas que estávamos a conhecer (já que se tratava de um componente do primeiro semestre) nossas singularidades.

Victa Carvalho (2008), em “A experiência do homem comum na fotografia de rua contemporânea”, nos indica pistas para pensarmos a imagem como um dispositivo artístico. “De modo a reinventar os papéis historicamente destinados aos observadores e às imagens” (CARVALHO, 2008, p. 81) construímos um novo mosaico de experiências imagéticas de natureza.

Com bricolagens de momentos e produções que atravessaram esta cartografia professoral, pensamos a formação docente atravessada por diferentes instâncias, sejam elas afetivas, técnicas, políticas. Enfim, através do mosaico de experiências imagéticas, pode-se emaranhar também um pouco das nossas experiências de vida e temporalidades, pelos sons e silêncios, seriedade e risos, buscando nossos processos de singularização, atravessadas também pelas experiências dos outros, pelo reconhecimento da nossa condição humana, viva, por isso múltipla e extremamente variável – ao sabor dos movimentos.

Pensado além da culminância de uma trajetória, o novo mosaico atravessa desejos, um “conjunto de forças e fluxos de saberes e fazeres que mobilizam coletivamente, comumente, comunistamente” (CARVALHO, 2016, p. 443). A partilha faz do novo mosaico um dispositivo com um fluxo próprio, que caminha pelo passado, presente e também pelo futuro.

Felipe (diário de bordo) - Muito interessante repensar a minha imagem de natureza! Como disse na apresentação, as minhas percepções de natureza mudaram com a disciplina, e acabou que aquele momento, anos atrás, dedicado a reflexão sobre o que é natural, o que representa o natural, está sempre em minha memória atualmente. [...] Nostalgia, satisfação... nesse

sentido, de lembrar de momentos de formação tão marcantes e de reconhecer quanto isso influi na minha vida atualmente.

Soraia (diário de bordo) - Foi um momento que eu pude reviver, pelo menos por alguns minutos, meus momentos de discente na disciplina “Imagens da Natureza”. Tiveram muitas discussões em que conheci sentidos e significados de palavras e atitudes dos professores que eu jamais imaginei, a troca de experiências, de histórias, as vivências de cada um...

Os movimentos dos *frames* seguem. Tempos que afetam visibilidades. Implicações que inventam novas imagens, “como multiplicação de sentidos que não conseguem fixar-se em um único instante” (WUNDER, 2009, p.70), ou melhor “uma possibilidade de estudo de escritas e de imagens que olha para a abertura/devir e não para a cicatriz/identidade” (WUNDER, 2009, p.72). Visualidades e visibilidades em jogo.

A visibilidade, como fato de visão, ultrapassa e reconfigura a consciência objetiva do que é visto, ganhando corpo e referencialidade palpável exatamente um convite ao exercício, guiado, de uma consciência subjetiva (ROCHA, 2006. p.11).

Para um olhar já acostumado com as produções imagéticas de outrora, galgadas por certas propostas de categorização das imagens da natureza, acreditava que essa nova produção, logo no início da cartografia docente, seria apenas um registro do processo. Felizmente eu estava enganado, pois a aposta me deslocou do aparato técnico de edição do vídeo, de seleção e recorte de gravações, de tentativas de explicação e enquadramento, para a tecitura de um mosaico de experiências imagéticas (Figura 01).

Figura 01. Por novas experiências imagéticas.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lizB84hu-U4&t=29s>

Não que meu compromisso com a produção do novo mosaico diminuísse ou as preocupações de edição tivessem cessado. Muito pelo contrário, diante de toda a riqueza compartilhada, os desafios também aumentaram: os discursos que atravessaram, as variações e durações negociadas na edição, os tremores e ruídos, a máquina do tempo viajando pelos mosaicos anteriores, “e que não possibilita a fixação de qualquer essência: identitária, representacional, cultural, ideológica, de memória” (WUNDER, 2009, p.74).

Vale ressaltar que não estamos em busca de um conceito de natureza, muito menos moldes para tal, apenas recortes de experiências imagéticas que compõem este mosaico. Para tanto, busco compartilhar as experiências imagéticas de natureza dos cartógrafos que conseguiram, diante das condições experienciais e temporais de cada um, participar do movimento de partilhas imagéticas. Questões que nos instigaram a visitar nossas experiências: como elas atravessam as nossas vidas? Como essas experiências imagéticas se fazem presentes no nosso processo (trans)formativo? Como (re)inventamos essas imagens? Uma produção que nos desafia a fugir dos clichês e definições das imagens, pois

[...] se pensamos no contexto de uma imagem do pensamento que define o que é possível e o que não é possível pensar, essa imagem é justamente aquilo que impede que o pensamento aconteça, escape desses contornos e crie o novo. Pensar no contexto de uma imagem do pensamento é repetir o já pensado, não é pensar o novo, o diferente (GALLO, 2016, p. 20).

Diante desta perspectiva, apresento-lhes minha experiência imagética de natureza (Figura 02). Desde pequeno eu me incomodei com a maneira como nos relacionamos com nossos semelhantes. Hierarquias, classificações, dominações e superioridades. Seres considerados melhores que outros por atributos físicos. Talvez por isso minha experiência imagética de natureza esteja muito relacionada com a perspectiva da dominação, da exploração, dos maus-tratos à terra.

Figura 02. “A gente destrói tudo que vê pela frente”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Então, essa imagem é diferente da que eu trouxe em 2010, [...] e ela foi feita [a fotografia] na Serra da Barriga, onde tem o Quilombo do Zumbi dos Palmares. O Quilombo tem todo um contexto de dominação, foram os negros que fugiram do domínio de pessoas que se julgavam superiores a outros seres humanos. A que ponto chega a nossa capacidade de dominar o nosso semelhante. [...] E até que ponto o conceito de natureza não serviu como a apropriação de algo. Então, eu preciso legitimar isso aqui, eu sei que natureza agora é isso, e a partir disso eu vou construir e explorar, explorar, explorar.
João Paulo.

Este pensamento também atravessa minha atuação em sala. Eu não consigo estar em um espaço pensando hierarquicamente como alguém que determina algo a outrem, e determina caminhos futuros. Muitas vezes sou pego pelas provocações de Leandro Belinaso Guimarães (2013, p. 120): “O que pode uma aula quando ela deseja mais potência de vida? Como tecer, costurar, inventar, criar uma aula para que textualidades imaginativas advindas das crianças também possam ser escritas?” Venho tendo muito cuidado, pensado, (re)pensado, conversado e pautado outras perspectivas mais participativas em minhas aulas, pensado em processos que oportunizem experiências que não só me atravessem, mas atravessem os estudantes que compartilham desses momentos comigo.

Escutar muito, falar o necessário e abrir-me para o que acontece ao meu redor: coisas que demandam atenção, dedicação e tempo, algo que nem sempre é possibilitado, pela quantidade de turmas e estudantes. Porém, tenho buscado fazer da minha prática algo significativo dentro das possibilidades que se apresentam ao meu redor, pois acredito que, mesmo com todos os conceitos, nomes, classificações e aplicações das Ciências Biológicas, que possuem territórios bem demarcados e muito importantes, o que fica, o que marca, o que atravessa, é a experiência da relação, do afeto, a “conversa boba”, os “macetes” e a compreensão.

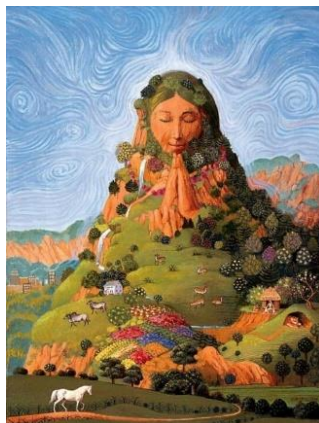
Evidentemente não se trata de uma negação do instituído, do território demarcado ou mesmo de uma saída absoluta deste território, na medida em que isso não seria possível. Esta seria uma saída romântica, a tentativa de negar o sistema e construir uma alternativa à margem (GALLO, 2010, p. 241).

Uma figura híbrida, vestida com um manto verde. Um corpo e feição humana desenhada à terra, como um único ser. Esta é a experiência imagética de natureza de Débora (Figura 03). Ao seu redor, circunscrevem montanhas, árvores, um animal. Ela compartilha outra experiência imagética, diferente da que compartilhou há anos. Em sua conversa, emerge a preocupação da integração entre natureza e humanidade. A terra constitui a formação desse ser *uno*, integrado, interativo.

O que me toca na imagem e na conversa com Débora é a potência da experiência integrativa, envolvendo também a espiritualidade, o transcendente. Diante da imagem deixo-

me levar pelos pensamentos e relações com as minhas próprias experiências de vida, pensando das diferenças e semelhanças entre os elementos apresentados, os movimentos de afetação experimentados. Me desloco em busca de novas possibilidades através da imagem dela.

Figura 03. “Natureza é a integração do corpo”.



Fonte: Google Imagens

Essa imagem que eles colocam é como mesmo uma mãe que o corpo dela é o planeta Terra, é tudo, a natureza é a integração do corpo que somos nós também, não só corpo, mas o espírito que habita em nós, se você é dessa linha, né? [...] Tudo que está também fora. É o universo interior e o universo exterior. E aí pra mim a imagem da Pacha Mama, que é essa a representação deles, traduz pra mim muito bem o que é natureza, que é tudo; é o todo dentro e fora.
Débora.

Me deixo levar pela imagem de Felipe, com o contraste das cores, a grandeza da paisagem e no meio disso tudo uma pessoa. Parece haver um esforço de trazer a ideia de que tudo é natureza, o que me remete também à imagem de Débora. Por gostar muito de fotografia, Felipe relutou bastante até chegar à imagem em questão. Dentre tantos conflitos na escolha de uma experiência imagética, recorreu à imagem que apresentou em 2010, como estudante de “Imagens”. Sinto que a experiência imagética dele emerge justamente como um anteposto à nossa pretensa externalidade da natureza.

A imagem de Felipe reverbera outro atravessamento: apesar de permanecer com a mesma visualidade, o contexto em que o acontecimento se forja faz dela outra experiência imagética, outra visibilidade. Relembrando a apresentação de Felipe em 2010, através do vídeo-mosaico, e pensando na apresentação de hoje, sou pego pela relação entre os diferentes acontecimentos. Inclusive, ele mesmo reconhece isso (Figura 04). A experiência imagética, então, é um espaço para conflitos, contestações, permitindo o nascimento de outros olhares, fugas. Imersos e

perdidos em um mundo de palavras e conceitos, estamos nós, seres professores, aprendentes, buscando frestas nas imensas paredes do saber.

Figura 04. “Tudo é transformação”.



Fonte: Google Imagens

Então, eu acho que a minha imagem de natureza hoje, ela é a imagem que eu apresentei nessa disciplina, porque foi nessa disciplina que eu tive essa [...] discussão filosófica sobre: qual a posição do homem na natureza? [...] E eu acho que essa questão de escolher essa imagem de novo como imagem de natureza é mais filosófica do que a imagem visual. Então, eu acho que a imagem de natureza, ela é muito mais, na minha cabeça, a forma de pensar natureza, e não uma imagem sozinha. *Felipe.*

Por também conhecer um pouco mais sobre a trajetória de Thaise, principalmente após a apresentação do mapa professoral, me encanto com a magia da experiência imagética apresentada por ela (Figura 05). Tomando como perspectiva o ciclo da vida, Thaise carrega em sua fala a militância, as lembranças da zona rural; e, embora essa imagem não seja de autoria dela, Thaise sente nela pertencimento, bem como as tessituras que marcaram sua trajetória de vida. Histórias que trazem referências da vó, da mãe, das pessoas envolvidas nessa ação formativa. Uma subjetividade demarcada pelas relações.

Figura 05. “A natureza da ancestralidade”.



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-13843687>

Então, é uma foto que me traz bastante pertencimento e de ancestralidade, e também a questão do ciclo de vida também. Uma mãe com a filha, ou uma vó e uma mãe, certo. Por isso que eu trouxe essa imagem, porque pra mim isso é natureza, é a natureza que eu pertencço, que eu tive uma vivência grande na infância e na adolescência, e que eu trago comigo com a ideia de ancestralidade, e que eu tento levar comigo em todas as partes da minha vida, inclusive na sala de aula. Quando eu tô dando aula eu falo também da minha ancestralidade, as minhas vivências, as minhas histórias, as minhas referências. *Thaise.*

Lembro-me da experiência imagética de natureza de Soraia: as tartarugas do Projeto Tamar. Nesta nova experiência imagética (Figura 06), ela traz muito da mágica que é a ação do tempo. A experiência não é mais sobre tartaruguinhas saindo dos ovos, mas dos filhos dela montados em réplicas de tartarugas adultas. Temporalidade para as tartarugas; temporalidade para os filhos; temporalidade para si mesma.

Não só isso, mas a experiência imagética dela traz uma perspectiva de integralidade, de contestação ao antagonismo homem-natureza, por entender que ainda é possível existir uma relação harmoniosa. Com marcas temporais significativas, a experiência imagética de Soraia traz um forte tom de mudança, de amadurecimento entendido como compreensão da relação dela com o mundo, com os filhos e consigo mesma.

Figura 06. “Natureza no espaço que eu me situo”.



Fonte: Soraia Souza

Minha primeira imagem foi no Projeto Tamar, do tanquinho de tartaruguinhas, com as tartaruguinhas nadando, que pra mim a natureza representava a vida, mas eu separava muito a natureza... A natureza animal. Tipo, animal irracional do animal racional. Aí eu via a natureza lá fora, e não via a natureza do homem como pertencente àquela natureza também. Não tava vendo naquele tanquinho que estava no Projeto Tamar. E hoje em dia, com a disciplina Imagens da Natureza, a minha visão transformou um pouco. Eu percebi que isso tá integrado com o ensino, e faz parte da natureza. Recentemente eu ‘tive’ no Projeto Tamar com meus filhos, que agora eu sou mãe, com os meus dois

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

filhos, e aqui essa foto deles. E essa é a minha nova imagem. [...] E sim uma paisagem com o céu azulado, com o mar, com animais, ninhos com as tartarugas marinhas, e os meus filhos que são a melhor parte dessa natureza.
Soraia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto-me abraçado por todas as experiências compartilhadas aqui. Para mim foi um aprendizado poder adentrar no mundo das estéticas de professoralidades. Entre visualidades e visibilidades, muitos atravessamentos me ocorreram, decorrentes de tantos caminhos percorridos, pessoas com quem me deparei, sentimentos. Compartilhar essas experiências imagéticas nos fazem pensar nos nossos processos de (trans)formação, não só acadêmica, mas também de vida. Deslocamentos entre as narrativas e imagens, movimentos que permeiam diferentes percursos profissionais e os sentidos atribuídos às estéticas de professoralidade.

Dito isto, as experiências imagéticas possibilitam adentrarmos em mundos até então desconhecidos, permitem (re)inventarmos narrativas, trajetórias, movimentos. Experiências imagéticas que nos permitem caminhar por entre rizomas que se entrecruzam, enlaçam, sobrepõem. As experiências imagéticas, muito mais do que falarem sobre naturezas, tornaram-se narrativas para pensarmos as nossas relações com o mundo, em uma combinação singular das tentativas de narrá-las. Muito mais do que mediadoras entre ser e dizer, das cartografias docentes oportunizam-se outras tantas maneiras de pensar, conversar, inclusive sobre a nossa professoralidade.

Portanto, as experiências imagéticas e o novo mosaico de imagens da natureza demarcam, digamos, um recorte de toda essa trajetória (trans)formativa que passamos durante esses anos todos. Recorte ainda maior neste breve período compartilhando essas experiências rumo a estéticas de professoralidades. Neste sentido, me pego a confabular sobre o que poderemos ser nesses anos que seguirão? Como estaremos até lá? Que tantas outras experiências imagéticas constituirão nossas professoralidades? Mesmo em tempos difíceis, que a criatividade e a imaginação criem novas linhas de fuga superando os discursos normalizantes que habitam o fazer docente.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. access
on 12 Aug. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

CARVALHO, V. A experiência do homem comum na fotografia de rua contemporânea. **Galaxia**, n. 32, p. 80-92, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n32/1982-2553-galaxia-32-00080.pdf>. Acesso em 06 fev. 2019.

FERNANDES, P. C.; RAMOS NETO, W. Devir-professor: uma experiência cartográfica com o ensino do corpo humano. In: SCARELI, G.; FERNANDES, P. (Orgs.). **O que te move a pesquisar: Ensaios e Experimentações com Cinema, Educação e Cartografias**. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 213-231.

GALLO, S. D. de O. Algumas notas em torno da pergunta: “o que pode a imagem?”. **Revista Digital do LAV**, v. 9, n. 1, p. 16-25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/21766>. Acesso em 01 fev. 2019.

_____, S. D. de O. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 229 - 244, out. 2010. ISSN 1984-6444. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2073>. Acesso em 11 fev. 2019.

GUIMARÃES, B. L. A sala de aula em cena: imagens e narrativas. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, v.31, n.61, p.113-123, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/181>. Acesso em 15 fev. 2019.

MOSAICO de Experiências Imagéticas em Natureza. Publicado por João Paulo dos Santos Silva. 2019. 1 vídeo (22 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Topf2oxTjTQ&feature=youtu.be>. Acesso em 08 fev. 2019.

PEREIRA, M. V. **Estética da Professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria, RM: Editora UFSM, 2013.

ROCHA, R. de M. Cultura da visualidade e estratégias de (in)visibilidade. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. 2006. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/115/114>. Acesso em 28 jan. 2019.

SILVA, J. P. dos S. **Perceber ou Não Perceber, eis a Questão: o Papel das Imagens de Natureza na Construção do Conhecimento em Biologia**. 2013. 52 p. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SILVA, J. P. dos S.; FREIXO, A.A. Rumo à construção de um mosaico de imagens de natureza: percepções para além do verde. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 6., 2012, Belém. Anais do VI Encontro Nacional da ANPPAS. Belém: ANPPAS, 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT6-1097-903-20120620155150.pdf>. Acesso em 06 fev. 2018.

WUNDER, A. Uma Educação Visual por entre Literatura, Fotografia e Filosofia. **Políticas Educativas**, v. 3, n. 1, p.65 – 78, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/22532>. Aceso em: 06 jun. 2018.